

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
RESUMO
Para uma melhor compreensão acerca da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos dias atuais, é preciso realizar uma leitura histórica e crítica em relação aos principais aspectos constituintes da EJA no Brasil. Em cada período histórico, as políticas educacionais revelam-se, no ambiente escolar, por sua organização, suas formas de trabalho e transformações, as quais resultam em novas situações e novos fins almejados. Essa trajetória aqui apresentada tem o intuito de reconhecer um espaço de disputas educacionais e de relevância da EJA a partir da Primeira República até o início do século XXI.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 INTRODUÇÃO LEGISLAÇÃO BRASILEIRA: AS PRIMEIRAS LEIS DE ENSINO E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS LEGISLAÇÃO BRASILEIRA: O MARCO DA LEI N. 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO REFLEXÕES FINAIS DOS TEMAS ABORDADOS.
AULA 2 INTRODUÇÃO A PROFISSÃO DOCENTE EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DEMOCRÁTICA E MOBILIZADORA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA SEGUNDO PAULO FREIRE EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA VERSUS EDUCAÇÃO BANCÁRIA PROFESSOR E ESTUDANTE: CONSTRUINDO RELAÇÕES TRANSFORMADORAS
AULA 3 INTRODUÇÃO O MÉTODO SINTÉTICO O MÉTODO ANALÍTICO PARA ALÉM DOS MÉTODOS ALFABETIZAÇÃO É CONSIENTIZAÇÃO
AULA 4 INTRODUÇÃO NÍVEIS DE ESCRITA SEGUNDO EMILIA FERREIRO E ANA TEBEROSKI NÍVEIS DE ESCRITA: UM OLHAR INVESTIGATIVO ALFABETIZAR ADULTOS PARA ALÉM DE PRÁTICAS INFANTILIZADORAS ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
AULA 5 INTRODUÇÃO

A HISTÓRIA DO MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DE PAULO FREIRE
O DIÁLOGO: A BASE DO TRABALHO NA PERSPECTIVA FREIREANA
PRESSUPOSTOS DE TRABALHO CONSIDERANDO O MÉTODO DE
ALFABETIZAÇÃO EM PAULO FREIRE
SINTETIZANDO A PROPOSTA FREIREANA

AULA 6

INTRODUÇÃO

O CURRÍCULO NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

CURRÍCULO E AÇÃO DOCENTE NA EJA

SABERES DOCENTES E A PRÁTICA EDUCATIVA NA EJA

A AVALIAÇÃO NA EJA

BIBLIOGRAFIAS

- AMARAL, W. R. A política de educação de jovens e adultos desenvolvida pela APEART no Paraná: recontando sua história e seus princípios, seus passos e (des)compassos. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Estadual de Paulista, Marília, 2002.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). Parecer n. 11, 07 de junho de 2000. Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000.

DISCIPLINA:

NOVAS LINGUAGENS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

RESUMO

Esta é uma disciplina dedicada à linguagem escrita em que abordaremos sua história, o papel do leitor e do autor no contexto digital e também as estruturas e características da escrita, importantes para a prática da produção textual. Você já pensou em quantos momentos de nosso cotidiano a escrita é essencial? Então já deve ter percebido que ela se adequa a cada situação de maneira diferente! Um belo exemplo é a persistência dos livros em uma época em que a Internet disponibiliza muitas maneiras bem mais “ágeis” de leitura, como o audiolivro. E não é somente a escrita que se adapta, mas também a própria linguagem em si! Se pensarmos no surgimento do latim vulgar e sua evolução para as muitas línguas românticas (entre elas o Português), isso fica evidente, mas antigamente, as pessoas não viam as línguas por suas particularidades e não havia ainda uma ciência que estudasse a língua.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

O QUE É CIBERCULTURA

AS LEIS DA CIBERCULTURA

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

TECNOLOGIA

COMO A ESCOLA SE RELACIONA COM A TECNOLOGIA

AULA 2

INTRODUÇÃO
TECNOLOGIA PARA VOCÊ
OS PRIMEIROS COMPUTADORES E AS ONDAS DA INFORMÁTICA
AÇÕES DA POLÍTICA DE INFORMÁTICA NO BRASIL
CURSOS PREPARATÓRIOS PARA O PROFESSOR: FALHAS
TECNOLOGIAS DEPENDENTES E INDEPENDENTES

AULA 3

INTRODUÇÃO
PROFESSOR: O FRACASSO DO PROJETO?
VOCÊ É UM PROFESSOR INCLUÍDO DIGITALMENTE?
A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA
QUAIS AS VELHAS E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?
MINHA ESCOLA NÃO TEM TECNOLOGIA, E AGORA?

AULA 4

INTRODUÇÃO
INFORMÁTICA NA ESCOLA: A PERSPECTIVA INSTRUCIONAL E A
CONSTRUCIONISTA
LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA NA ESCOLA
SOFTWARE EDUCACIONAL
A ESCOLHA DO SOFTWARE
REA (RECURSO EDUCACIONAL ABERTO)

AULA 5

INTRODUÇÃO
DEFINIÇÕES DE INTERNET
A PESQUISA NA INTERNET
APRENDER
AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM
POSSIBILIDADES NA REDE

AULA 6

INTRODUÇÃO
LETRAMENTO
LETRAMENTO DIGITAL
TECNOLOGIAS DE ESCRITA E LETRAMENTO
HIPERTEXTO
OS MECANISMOS DE PRODUÇÃO, REPRODUÇÃO E DIFUSÃO DA ESCRITA

BIBLIOGRAFIAS

- BRITO, G. S. PURIFICAÇÃO, I. Educação e novas tecnologias: um repensar. 2. ed. Curitiba: InterSaberes: 2015.
- LEMOS, A.; CUNHA, P. Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2010.

DISCIPLINA:

TEORIAS DA APRENDIZAGEM

RESUMO

A ementa desta disciplina abrange uma ampla discussão sobre a relação entre pensamento filosófico, pedagógico e psicológico, e as diferenças entre o processo de aprendizagem analisadas por teorias comportamentais e por teorias cognitivas. Também propõe a análise da dimensão construtivista e interacionista em Jean Piaget e Lev Vygotsky, além da psicologia histórico-cultural de Vygotsky, assim como o aprofundamento nas ideias sociointeracionistas sobre o desenvolvimento e a aprendizagem, a aprendizagem mediatizada, a zona de desenvolvimento proximal, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: pensamento, linguagem, sensação e percepção, atenção e concentração, memória, mediação, formação de conceitos, imaginação, criatividade e raciocínio lógico.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

A RELAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA E A PEDAGOGIA
CONCEITO DE APRENDIZAGEM
ETAPAS DA APRENDIZAGEM
ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM
AS ESCOLAS DE PENSAMENTO PSICOLÓGICO

AULA 2

INATISMO, EMPIRISMO E CONSTRUTIVISMO
PRECURSORES DO BEHAVIORISMO
CARACTERÍSTICAS DA TEORIA COMPORTAMENTAL
CONCEITOS DA TEORIA COMPORTAMENTAL
BEHAVIORISMO NA ESCOLA

AULA 3

DEFINIÇÃO DE COGNIÇÃO
A IMPORTÂNCIA DE JEAN PIAGET
EPISTEMOLOGIA GENÉTICA
A APRENDIZAGEM EM ESTÁGIOS: DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA
O CONSTRUTIVISMO DE PIAGET NA ESCOLA

AULA 4

VYGOTSKY E O ENSINO COMO PROCESSO SOCIAL
O CONCEITO DE PENSAMENTO VERBAL
O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL
A APRENDIZAGEM MEDIADA
O SOCIOINTERACIONISMO DE VYGOTSKY NA ESCOLA

AULA 5

A FORMAÇÃO DE CONCEITOS EM VYGOTSKY
A RELAÇÃO ENTRE PIAGET E VYGOTSKY
HENRI WALLON E A TEORIA DA AFETIVIDADE
OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO
OS CONCEITOS DE EMOÇÃO E SINCRETISMO

AULA 6

HENRI WALLON E O AMBIENTE ESCOLAR
DAVID AUSUBEL E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

CARL ROGERS E A APRENDIZAGEM CENTRADA NA PESSOA
HOWARD GARDNER E A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS
TEORIAS DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA

BIBLIOGRAFIAS

- BARONE, L. M. C.; MARTINS, L. C. B.; CASTANHO, M. I. S. Psicopedagogia: teorias da aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- LAKOMY, A. M. Teorias Cognitivas da aprendizagem. Curitiba: InterSaberes, 2014.
- NOGUEIRA, M. O. G.; LEAL, D. Teorias da aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosóficos, pedagógicos e psicológicos. Curitiba: InterSaberes, 2015.

DISCIPLINA:

GESTÃO DA DIVERSIDADE

RESUMO

A globalização e os constantes avanços tecnológicos, unidos à Diversidade humana cada vez mais presente no contexto cultural organizacional, têm sido agentes importantes que desafiam as empresas a buscar soluções que atendam a esse novo cenário organizacional. A diversidade da força de trabalho presente nas organizações é uma importante questão a ser observada. Historicamente, nos estudos sobre a diversidade, as multinacionais foram as primeiras organizações privadas a implementar ações sobre a diversidade cultural da força de trabalho. Práticas essas consolidadas em suas políticas de Gestão de pessoas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA1

INTRODUÇÃO

DIVERSIDADE SOB A PERSPECTIVA DE DIREITOS HUMANOS

REFERENCIAIS INTERNACIONAIS EM DIVERSIDADE E DESENVOLVIMENTO

SUSTENTÁVEL

IGUALDADE DE DIREITOS NA CONSTITUIÇÃO

DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA E POLÍTICAS PÚBLICAS

AULA 2

INTRODUÇÃO

PANORAMA GLOBAL E BRASILEIRO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

ASPECTOS BIOPSIKOSSOCIAIS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

MERCADO DE TRABALHO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

PRINCIPAIS BARREIRAS PARA A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

AULA 3

INTRODUÇÃO

PANORAMA DAS MULHERES BRASILEIRAS NO TRABALHO

PANORAMA DE PESSOAS NEGRAS NO TRABALHO

PANORAMA DAS PESSOAS LGBTQI+ NO TRABALHO

O MERCADO DE TRABALHO PARA PESSOAS IDOSAS

AULA 4

INTRODUÇÃO

INTERSECCIONALIDADE COMO PERSPECTIVA ANALÍTICA

A INTOLERÂNCIA NA REALIDADE BRASILEIRA

A VIOLÊNCIA ORGANIZACIONAL
TOLERÂNCIA NAS ORGANIZAÇÕES

AULA 5

INTRODUÇÃO

BENEFÍCIOS PARA AS ORGANIZAÇÕES

RESULTADOS PARA OS NEGÓCIOS

A PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE NAS ORGANIZAÇÕES

APROPRIAÇÃO DO DISCURSO DA DIVERSIDADE

AULA 6

INTRODUÇÃO

PRÁTICAS DE GESTÃO DA DIVERSIDADE

IMPLANTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE DIVERSIDADE

MONITORAMENTO DE UM PROGRAMA DE DIVERSIDADE

TENDÊNCIAS DA GESTÃO DA DIVERSIDADE

BIBLIOGRAFIAS

- AGUERRE, P. Gestão de pessoas: práticas de gestão da diversidade nas organizações. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.
- COUTINHO, L. R. S. Diversidade nas organizações brasileiras - um exercício de crítica do conceito e da prática através da desconstrução. 2006. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Administração) – Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais, Rio de Janeiro, 2006
- ONU – Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Brasília: Nações Unidas Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso: 20 set. 2021.

DISCIPLINA:

PAPEL DOCENTE DE TUTORIA

RESUMO

As metodologias ativas têm como base um ensino e uma aprendizagem ativos, que tornam o aluno o protagonista da sua aprendizagem. O papel docente tradicional, de transmissor de conhecimentos, abre espaço para um papel docente de tutoria, que acompanha e incentiva o aluno na busca, aquisição, desenvolvimento e conquistas do aprendizado. Ou seja, a aquisição do conhecimento passa a ser responsabilidade do aluno e não transmitida pelo professor.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

CARACTERÍSTICAS DA ABP

PREMISSAS DA ABP

ABP NA PREPARAÇÃO DO ALUNO PARA O MERCADO DE TRABALHO

INCLUSÃO DAS TIC'S NA ABP

AULA 2

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA ETAPA DO ROTEIRO DO PROFESSOR: ESTRUTURAÇÃO

SEGUNDA ETAPA DO ROTEIRO DO PROFESSOR: DESENVOLVIMENTO

TERCEIRA ETAPA DO ROTEIRO DO PROFESSOR: CONCLUSÃO
A IMPORTÂNCIA DO FEEDBACK NA ABP

AULA 3

INTRODUÇÃO

SEGUNDA ETAPA DO ROTEIRO DO ALUNO: DESENVOLVIMENTO

TERCEIRA ETAPA DO ROTEIRO DO ALUNO: CONCLUSÃO

PAPEL E DESAFIOS DO ALUNO

PAPEL E DESAFIOS DO PROFESSOR

AULA 4

INTRODUÇÃO

ABP COMO UM MÉTODO INOVADOR DE ENSINO

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

MOTIVAÇÃO EDUCACIONAL

AULA 5

INTRODUÇÃO

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS NA EDUCAÇÃO PRESENCIAL, HÍBRIDA E À DISTÂNCIA

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS NA EDUCAÇÃO CORPORATIVA

NATIVOS DIGITAIS E AS METODOLOGIAS ATIVAS

O APOIO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO NA APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS

AULA 6

INTRODUÇÃO

O USO DE OUTRAS METODOLOGIAS ATIVAS EM CONJUNTO COM ABP

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA ABP

DIFICULDADES DA APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS

VANTAGENS DA APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS

BIBLIOGRAFIAS

- BACICH, L.; MORAN, J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2017.
- FERRAZ FILHO, B. da S. et al. Aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma inovação educacional?. Revista Cesumar: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v. 22, n. 2, p. 403-424, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/6137/0>.
- MAPURUNGA, L. A.; CARVALHO, E. B. A memória de longo prazo e a análise sobre sua função no processo de aprendizagem. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, v. 19, n. 1, p. 66-72, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324735741_A_Memoria_de_Longo_Prazo_e_a_Analise_Sobre_sua_Funcao_no_Processo_de_Aprendizagem. Acesso em: 15 out. 2019.

DISCIPLINA:

INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA

RESUMO

A linguística como ciência e suas contribuições para o ensino de línguas são temas que não podem ser preteridos quando se pretende abordar as relações de ensino-aprendizagem presentes em um idioma, seja língua materna ou estrangeira. Mas, bem antes de os estudos da linguagem serem empregados como fortes aliados ao ensino e às reflexões sobre as línguas, eram as especulações que nutriam o imaginário das pessoas a respeito de questões para as quais ainda hoje procuramos respostas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

HISTÓRICO SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NO OCIDENTE

O QUE É LINGUAGEM?

EXISTE LINGUAGEM ANIMAL?

RELAÇÕES INICIAIS ENTRE GRAMÁTICA E LÍNGUA

O QUE É LINGÜÍSTICA?

AULA 2

A TEORIA DOS SIGNOS

AS DICOTOMIAS DE SAUSSURE I: SINCRONIA E DIACRONIA/LÍNGUA E FALA

AS DICOTOMIAS DE SAUSSURE II: SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO/SINTAGMA E PARADIGMA

CHOMSKY

JAKOBSON E AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

AULA 3

POR QUE E COMO SE DIVIDEM OS ESTUDOS GRAMATICAIS?

FONOLOGIA

MORFOLOGIA

SINTAXE

SEMÂNTICA

AULA 4

LINGÜÍSTICA TEXTUAL

A PRODUÇÃO TEXTUAL

AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO NO TEXTO: RELAÇÕES ENTRE TEXTUALIDADE E COERÊNCIA

ANÁLISE DO DISCURSO

COMO SE FAZ ANÁLISE DO DISCURSO?

AULA 5

LINGÜÍSTICA TEXTUAL

A PRODUÇÃO TEXTUAL

AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO NO TEXTO: RELAÇÕES ENTRE TEXTUALIDADE E COERÊNCIA

ANÁLISE DO DISCURSO

COMO SE FAZ ANÁLISE DO DISCURSO?

AULA 6

ESTUDOS DE PORTUGUÊS DO BRASIL E A LÍNGUA ESCRITA: UM NOVO OLHAR

O QUE O ESTILO GARANTE?

ESCREVER É PARA QUEM É ÁVIDO POR LER
COMO A LINGUÍSTICA SE COMPORTA OU COMO FAZEMOS COM QUE ELA
CAMINHE
E O METADISCURSO, COMO FICA?

BIBLIOGRAFIAS

- DIAS, L. S.; GOMES, M. L. C. Estudos linguísticos: dos problemas estruturais aos novos campos de pesquisa. Curitiba: Ibpex, 2008.
- FIORIN, J. L. (Org.) Introdução à linguística: objetos teóricos. v. 1. São Paulo: Contexto, 2012.
- PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à linguística I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-24.

DISCIPLINA:

APRENDIZAGEM DO ALUNO ADULTO-IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

RESUMO

Esta disciplina vislumbra pensar o aluno adulto. Isto pressupõe que não se refere a qualquer aluno em que as condições supostamente concretas de ensino e de aprendizagem estejam dadas, em considerando a compreensão da idade escolar. Trata-se do aluno trabalhador, em relação ao qual algumas possibilidades reais devem ser pensadas e consideradas no que tange à abordagem metodológica. Para tanto, a aprendizagem dos conceitos, como corpo teórico dessa abordagem, também é a que se propõe a partir da concepção do aluno referenciado, situado concretamente e contextualizado historicamente.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

SOBRE O ATO DE EDUCAR E ENSINAR

DIMENSÃO CONTRADITÓRIA: TRABALHO VERSUS EMPREGO

S REFORMAS EDUCACIONAIS SOB O MODO DE PRODUÇÃO FLEXÍVEL E AS
DEMANDAS SOBRE O ALUNO TRABALHADOR

AS RELAÇÕES HUMANAS PARA E NO MUNDO DO TRABALHO: UMA FORMAÇÃO
HUMANA PARA ALÉM DO DISCURSO DE EMPREGABILIDADE

O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO OMINILATERAL

AULA 2

INTRODUÇÃO

A MEDIAÇÃO COMO ATO INTENCIONAL DA PRODUÇÃO DA HUMANIDADE E
APROPRIAÇÃO CULTURAL

O PAPEL DOS MEDIADORES NO DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES MENTAIS
SUPERIORES E AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SOCIAL

O PAPEL DO CONHECIMENTO E DO OUTRO COMO MEDIADOR NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM, DE HUMANIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA

OS MEDIADORES DA INTELIGÊNCIA SEGUNDO REUVEN FEUERSTEIN

A CENTRALIDADE DO TRABALHO E DA CULTURA NA DEFINIÇÃO DO CURRÍCULO

AULA 3

INTRODUÇÃO

PÓS-DÉCADA DE 1930 E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FORMAL COM
BASE NA LDBEN

A NECESSIDADE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NA FORMAÇÃO DO ADULTO TRABALHADOR
A FORMAÇÃO DE ADULTOS NA DITADURA MILITAR
A ABERTURA DEMOCRÁTICA

AULA 4

INTRODUÇÃO

ANDRAGOGIA: O MÉTODO

ANDRAGOGIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

EDUCAÇÃO DE ALUNOS ADULTOS E PEDAGOGIA FREIREANA COMO MÉTODO E CONTEÚDO

METACOGNIÇÃO

AULA 5

INTRODUÇÃO

AS RELAÇÕES FILOSÓFICAS

O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A POLITECNIA

EM CONSONÂNCIA OU NÃO COM A POLITECNIA

AULA 6

INTRODUÇÃO

DE QUE FORMA O CONHECIMENTO PODE SE ORGANIZAR NO CURRÍCULO, CONCEBENDO A ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR?

PROJETOS DE APRENDIZAGEM COMO ALTERNATIVA PARA METODOLOGIAS ATIVAS E “INTERACIONISTAS”

AS METODOLOGIAS ATIVAS NA SALA DE AULA E O PAPEL DAS TECNOLOGIAS A SALA DE AULA INVERTIDA

BIBLIOGRAFIAS

- FRIGOTTO, G. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 100, p.1129-1152, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2328100.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2018.
- KOSIK, K. A dialética do concreto. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.
- MARRACH, S. A. Educação e Neoliberalismo. In: _____. Infância, neoliberalismo e educação. São Paulo: Cortez, 2000.

DISCIPLINA:

EDUCAÇÃO E LUDICIDADE

RESUMO

Para iniciarmos esta disciplina, convidamos você a pensar em duas questões: O que é lúdico? O que é ludicidade? Arriscamos afirmar que não seria muito complicado propor algumas ideias gerais e respostas para essas questões. Isso acontece porque, de certa forma, o uso dos termos lúdico e ludicidade se popularizou e vários sentidos são compartilhados por sujeitos e instituições, seja para referir-se ao comportamento de um indivíduo, usar como estratégia de marketing para vender produtos ou serviços ou referir-se a objetos ou jogos. O uso dos termos lúdico e ludicidade também é comum entre os educadores. Influenciado por seu contexto e referencial teórico, cada autor atribui um

determinado sentido a esses termos. Ora lúdico é o jogo, o material, ora a pessoa ou a aula, por exemplo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À LUDICIDADE
PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA LUDICIDADE
CONTRIBUIÇÕES DE LEV VYGOTSKY E JEAN PIAGET
CONTRIBUIÇÕES DE JOHAN HUIZINGA
CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CAILLOIS

AULA 2

JOGO, BRINQUEDO E BRINCADEIRA
A BRINCADEIRA: O SIGNIFICADO DO FAZ DE CONTA NA VIDA DA CRIANÇA
A TRANSDISCIPLINARIDADE DO BRINCAR
DIFERENTES TIPOS DE LINGUAGEM: MÚSICA, ARTE E MOVIMENTO
O PRINCÍPIO DA INCLUSÃO NA BRINCADEIRA INFANTIL

AULA 3

ENTRE O CONHECIMENTO E A PERCEPÇÃO PESSOAL SOBRE LUDICIDADE
SABERES E COMPETÊNCIAS DO PROFESSOR
CAMINHOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA: SABER PRÁTICO E SABER TEÓRICO
O LÚDICO E A EDUCAÇÃO INFANTIL
O LÚDICO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

AULA 4

AS FUNÇÕES DO JOGO NA EDUCAÇÃO: PRAZER E DESENVOLVIMENTO DE SABERES
O JOGO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM: DESAFIOS E OPORTUNIDADES
CLASSIFICAÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS JOGOS (PIAGET)
JOGOS DIGITAIS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM
ABORDAGEM LÚDICO-DIDÁTICA

AULA 5

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO LAZER
ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE LAZER: BRINQUEDOTECA
RECREIO ESCOLAR
EDUCAR PARA O LAZER
MOVIMENTO, RITMO, MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

AULA 6

BRINQUEDO: CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS
BRINQUEDO: PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM
BRINQUEDOS NÃO ESTRUTURADOS
BRINQUEDOS COM MATERIAIS RECICLÁVEIS
BRINQUEDO ELETRÔNICO

BIBLIOGRAFIAS

- MASSA, M. de S. Ludicidade: da etimologia da palavra à complexidade do conceito. Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, [S.l.], n. 15, dez. 2017.

Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/2460>. Acesso em: 14 out. 2019.

- GOMES, C. L. Lúdico. In: GOMES, C. L. (Org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 141-146
- KISHIMOTO, T. M. (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

DISCIPLINA: PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO
RESUMO
A centralidade do ppp da escola está relacionada às políticas públicas e à Gestão educacional. Portanto, ao discutirmos sobre ele, precisamos considerar as Concepções de gestão e a implementação de processos de participação e Decisão, analisando, assim, o papel da gestão ao elaborá-lo. O maior desafio está na interatividade, no diálogo e na flexibilização Subsidiada pela gestão. Esta, por sua vez, necessita ter caráter democrático. Vale Ressaltar ainda a existência da gestão educacional no contexto da escola pública, Que abarca as diferentes concepções e práticas de planejamento. Diante disso, reflita sobre o questionamento a seguir: de que forma a Gestão escolar pode envolver o grupo (docentes, comunidade, administrativos) na Construção e reconstrução do ppp?
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 GESTÃO E PLANEJAMENTO: PERSPECTIVA HISTÓRICA ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA E SUA RELAÇÃO COM O CONTEXTO EDUCACIONAL PLANEJAMENTO: FUNÇÕES E FINALIDADES PLANEJAMENTO EDUCACIONAL NO BRASIL GESTÃO EDUCACIONAL NO BRASIL
AULA 2 PLANEJAMENTO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS PLANEJAMENTO: DIMENSÕES, NÍVEIS E DESDOBRAMENTOS PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: ETIMOLOGIA PRINCÍPIOS NORTEADORES DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO A EQUIPE GESTORA NA ARTICULAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO
AULA 3 A ESCOLA COMO LOCAL DE CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES DO PPP NO CONTEXTO ESCOLAR PPP COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO DEMOCRÁTICA O PAPEL DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO PARA EFETIVAÇÃO DO PPP COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO DEMOCRÁTICA PPP COMO INSTRUMENTO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO
AULA 4 FUNÇÕES ATRIBUÍDAS AO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO ETAPAS DO PLANEJAMENTO DO PPP MARCO REFERENCIAL OU SITUACIONAL DIAGNÓSTICO

PROGRAMAÇÃO

AULA 5

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO
PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E AS FINALIDADES DA ESCOLA
IGUALDADE E QUALIDADE
AUTONOMIA E PARTICIPAÇÃO
PRESSUPOSTOS DO PROJETO

AULA 6

DESDOBRAMENTOS DO PPP – PLANEJAMENTO NO CONTEXTO EDUCACIONAL
CONSELHO ESCOLAR
TIPOS DE PLANEJAMENTO
PLANEJAMENTO ELABORADO PELO PROFESSOR
PLANO DE AULA

BIBLIOGRAFIAS

- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.
- MAIA, B. P. e C.; MARGARETE, T. de A. Os desafios e a superação na construção coletiva do projeto político-pedagógico. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- RODRIGUES, T. S. de A.; SCHMITZ, H.; FREITAS, A. G. B. de. Planejamento educacional no Brasil: análises sobre o Plano Nacional de Educação, o Plano de Desenvolvimento da Educação e o Plano de Ações Articuladas. In: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, 9, 2012, João Pessoa. Anais... João Pessoa, 2012. p. 1919-1929. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.78.pdf. Acesso em: 18 jun. 2017.

DISCIPLINA:
RECREAÇÃO E LAZER

RESUMO

A Educação Física tem uma íntima relação com os estudos da recreação e do lazer, seja pela produção teórica ou na formação de profissionais que atuam na produção e execução de eventos diversos na área. Historicamente, os conteúdos da recreação e do lazer foram sendo apropriados pelos profissionais de Educação Física – apesar de a grande predominância ser relacionada com as práticas corporais – e incorporados nos conteúdos curriculares como uma disciplina. Ainda que a Educação Física tenha supremacia nos estudos da recreação e lazer no Brasil, pelo menos quantitativamente, áreas como o Turismo, a Sociologia, a Pedagogia, entre outras, também contribuem para a promoção de discussões e desenvolvimento de intervenções nesse campo.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

RECREAÇÃO E LAZER EM CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DIMENSÃO HISTÓRICA DO LAZER E DA RECREAÇÃO
DIMENSÃO HISTÓRICA DO LAZER E DA RECREAÇÃO NO BRASIL
SENTIDOS ATRIBUÍDOS À RECREAÇÃO E AO LAZER
CAMPOS DE ATUAÇÃO

AULA 2

EDUCAÇÃO PARA E PELO LAZER
DIMENSÕES EDUCATIVAS DA RECREAÇÃO
POLÍTICA PÚBLICA DE LAZER
GESTÃO ESTRATÉGICA DAS EXPERIÊNCIAS DE LAZER
LAZER E QUALIDADE DE VIDA

AULA 3

PRÁTICAS CORPORAIS E LAZER – OBJETO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESPORTE COMO LAZER
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (ESCOLA-RECREIO) E O LAZER (LAZER-ESCOLA)
ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA E LAZER
TICS E PRÁTICAS CORPORAIS DE LAZER

AULA 4

CONCEITUANDO O COMPORTAMENTO LÚDICO
COMPORTAMENTO LÚDICO E AS FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
JOGOS E BRINCADEIRAS COMO CONTEÚDOS DO LAZER
FESTAS E MANIFESTAÇÕES POPULARES
COMO O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA PODE ORGANIZAR UM EVENTO
OU FESTA NO CONTEXTO DO LAZER?

AULA 5

TEORIAS DE CUNHO ECONÔMICO
TEORIAS SOCIOLÓGICAS SOBRE O LAZER
TEORIAS SOCIOLÓGICAS DO LAZER
INQUIETAÇÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE LAZER
MATRIZES TEÓRICAS E METODOLOGIAS PARA PESQUISAR O LAZER

AULA 6

PLANEJAMENTO EM LAZER
ESTRUTURA DE UMA PROGRAMAÇÃO DE LAZER
COLÔNIA DE FÉRIAS
ACAMPAMENTOS
RUA DE RECREIO E FESTIVAIS RECREATIVOS

BIBLIOGRAFIAS

- MASCARENHAS, F. Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer. 2005. 307f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MELO, V. A.; JUNIOR, E. de D. A. Introdução ao lazer. São Paulo, Barueri: Editora Manole, 2003.
- SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. LICERE. Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

DISCIPLINA:

OS PROCESSOS FONÉTICOS E A APRENDIZAGEM DA LEITURA ESCRITA

RESUMO

Como professores de turmas dos anos iniciais do ensino fundamental recebemos, ano após ano, crianças ávidas por descobrir o “segredo das letras”. Quantas vezes ouvimos a pergunta “Professora, quando vou aprender a ler e a escrever?” Por que esse processo é tão moroso se as crianças já são falantes da língua materna? A busca por essa resposta nos conduz a um longo processo que exigirá um trabalho pedagógico intenso, partindo do contexto histórico da linguística para a compreensão da língua materna, o qual nos levará ao conhecimento da anatomia responsável pelo desenvolvimento da linguagem falada, passando pela explicitação da organização da estrutura linguística da língua portuguesa. Isso se faz necessário para o planejamento de estratégias que levem nossas crianças a compreender a estrutura da língua materna da forma mais natural possível, para que desenvolvam as habilidades de leitura e escrita.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONTRIBUIÇÕES DE SAUSSURE À LINGUÍSTICA E SUAS RELAÇÕES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

CONTRIBUIÇÕES DE CHOMSKY À LINGUÍSTICA E SUAS RELAÇÕES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O DESENVOLVIMENTO DO APARELHO FONADOR: O MARCO DA LÍNGUA FALADA

A CATEGORIZAÇÃO DAS VOGAIS COMO FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A CATEGORIZAÇÃO DAS CONSOANTES COMO FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

AULA 2

CONTRIBUIÇÕES DE SAUSSURE À LINGUÍSTICA E SUAS RELAÇÕES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

CONTRIBUIÇÕES DE CHOMSKY À LINGUÍSTICA E SUAS RELAÇÕES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O DESENVOLVIMENTO DO APARELHO FONADOR: O MARCO DA LÍNGUA FALADA

A CATEGORIZAÇÃO DAS VOGAIS COMO FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A CATEGORIZAÇÃO DAS CONSOANTES COMO FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

AULA 3

O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

A ORALIDADE NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO

CONSIDERAÇÕES SOBRE VARIEDADE LINGUÍSTICA

COMPREENDENDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO PARA EVITÁ-LO

LINGUAGEM: COMUNICAÇÃO EM CONSTANTE PROCESSO

AULA 4

A COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA

MODELOS DE PROCESSAMENTO DA LEITURA

RELAÇÃO ENTRE FONOLOGIA E LEITURA

LEITURA E COMPREENSÃO

ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA COMPREENSÃO LEITORA

AULA 5

A COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA

RELAÇÃO ENTRE FONOLOGIA E ESCRITA

FONOLOGIA E A PRODUÇÃO TEXTUAL ESPONTÂNEA
LINGUAGEM ESCRITA E PERSPECTIVAS DE REVISÃO TEXTUAL
REVISÃO TEXTUAL: PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

AULA 6

CONSCIÊNCIA FONÊMICA
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA
HABILIDADES METALINGUÍSTICAS
LETRAMENTO E HABILIDADES METALINGUÍSTICAS
SUGESTÕES DE ATIVIDADES METALINGUÍSTICAS

BIBLIOGRAFIAS

- CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. Princípios gerais em linguística. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p.14-25, v. 11. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40352?mode=full>.
- FERREIRA, R. G. F. et al. A filogênese da linguagem: novas abordagens de antigas questões. Arq. Neuro-Psiquiatria, São Paulo, 2000, v. 58, n. 1, p.188-194, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X2000000100030&script=sci_abstract&tlng=pt.
- SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. Fonética e fonologia do português brasileiro. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em: http://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Fonetica_Fonologia_PB_UFSC.pdf. Acesso em: 2 jul. 2018.

DISCIPLINA:

NEUROCIÊNCIA DA LINGUAGEM

RESUMO

As neurociências e a linguagem estabelecem uma relação natural, visto que neste processo se relacionam bases biológicas e psicológicas. É importante compreender que uma está ligada à outra, de forma tão intrínseca que os aspectos psicológicos do ser humano necessitam das bases biológicas para se desenvolverem, ao mesmo tempo que o biológico necessita do psicológico para se adaptar melhor ao meio ambiente, mediante a ciência, arte, filosofia e as diferentes formas de saber. Se por um lado a linguagem é a forma como construímos nossa comunicação, por outro, as neurociências, que são o campo de estudo científico que mais cresce nos últimos anos, tem conseguido explicar como o cérebro humano funciona, como o ser humano pensa, aprende e, principalmente, como ele se comunica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM
AS TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM
A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM COMO FENÔMENO NATURAL
ETAPAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM
LINGUAGEM E LÍNGUA

AULA 2

PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA
PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA E CULTURAL
DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO ORAL E ESCRITA NA INFÂNCIA
DISTÚRBIOS ESPECÍFICOS DA LINGUAGEM

INTERVENÇÃO NOS DISTÚRBIOS DE LINGUAGEM

AULA 3

ASPECTOS BIOLÓGICOS DA COMUNICAÇÃO HUMANA
BUSCANDO UMA BASE BIOLÓGICA DA LINGUAGEM HUMANA
NEUROFISIOLOGIA DA LINGUAGEM

AULA 4

COMPREENDENDO A EVOLUÇÃO DA LINGUAGEM HUMANA
DA FILOGÊNESE À ONTOGÊNESE DA LINGUAGEM
OS MECANISMOS DA LINGUAGEM NA CRIANÇA PEQUENA
RELAÇÃO ENTRE MECANISMOS MOTORES E A LINGUAGEM HUMANA
MECANISMOS IDEACIONAIS DA LINGUAGEM

AULA 5

CARACTERIZAÇÃO DO AUTISMO
PROCESSOS LINGÜÍSTICOS NA CRIANÇA AUTISTA
CARACTERIZAÇÃO DA EPILEPSIA
PROCESSOS LINGÜÍSTICOS NA CRIANÇA COM EPILEPSIA
DIAGNÓSTICO E PROCESSOS EDUCATIVOS DE CRIANÇAS COM AUTISMO E
EPILEPSIA

AULA 6

A NEUROLINGÜÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE
DESAFIOS DA NEUROLINGÜÍSTICA NA ATUALIDADE
NOVOS ESTUDOS EM NEUROLINGÜÍSTICA
ESTUDOS COMPUTACIONAIS EM NEUROPSICOLINGÜÍSTICA
TECNOLOGIAS UTILIZADAS NO ESTUDO DA NEUROLINGÜÍSTICA

BIBLIOGRAFIAS

- BORGES, L. C.; SALOMÃO, N. M. R. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. In: Psicologia: reflexão e crítica, 2003, 16(2), p. 327-336.
- BOSCH, L. E. N.; SEBASTIÁN-GALLÉS. Native-language recognition abilities in 4-month-old infants from monolingual and bilingual environments. Cognition 65: 33-69, 1997.
- ATKINSON, R. L.; ATKINSON, R. C.; SMITH, E.E., BEM, D.J. & NOLENHOEKSEMA, S. Introdução à psicologia de Hilgard. 13. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.